



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS**

**FABIANA MUSA RODRIGUES**

**EMPREGO DA VÍRGULA:  
UMA PROPOSTA DE ENSINO  
PARA ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**Brasília  
2018**

**FABIANA MUSA RODRIGUES**

**EMPREGO DA VÍRGULA:  
UMA PROPOSTA DE ENSINO  
PARA ALUNOS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada à disciplina Projeto de Curso como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, pela Universidade de Brasília.

Orientador: Professor Doutor Marcus Vinicius Lunguinho

**Brasília  
2018**

*Dedico este trabalho a minha família, amigos, professores e, principalmente, aos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental que se empenharam em me ajudar na realização deste trabalho.*

*Agradeço a Deus por mais uma conquista em minha vida.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por dar-me esta grande oportunidade de realizar um sonho e poder me ajudar nos momentos mais difíceis da minha vida. Sem Ele, eu não passaria por esse momento.

Agradeço a minha família pelo apoio, força e compreensão durante a minha trajetória acadêmica e na construção do presente trabalho. São pessoas essenciais para o meu crescimento moral, profissional e espiritual. Não posso deixar de agradecer, especialmente, a minha avozinha Hélia pela confiança e credibilidade depositada em mim. Sempre esteve ao meu lado, acreditando que um dia eu estaria aqui, mais uma vez.

Agradeço, também, aos meus amigos por estarem ao meu lado quando eu mais precisei. Não posso deixar de citar alguns: Carla pelo seu companheirismo, amizade e troca de experiências dentro da universidade, Lucas por sempre me ajudar com os trabalhos e tirando minhas dúvidas tornando-se um grande amigo, minha turminha de 5º ano pela sua energia, alegria, interesse, amizade e aprendizagem que tive durante todo o ano de 2017.

Agradeço aos meus professores, por se dedicarem a esta instituição e transmitir seus conhecimentos e experiências aos alunos. Principalmente, ao professor Marcus Vinicius da Silva Lunguinho, que no decorrer de suas aulas fez com que eu pudesse escolher o tema do presente trabalho e, também, pelo seu voto de confiança em me orientar.

Muito obrigada!

## LISTA DE ANEXOS

<b>Anexo A – Textos produzidos antes da aula proposta .....</b>	<b>44</b>
Texto 1 - EF .....	44
Texto 2 - GM .....	45
Texto 3 - JM .....	46
Texto 4 - MM .....	47
<b>Anexo B – Plano de aula.....</b>	<b>48</b>
<b>Anexo C – Textos produzidos após a aula proposta .....</b>	<b>52</b>
Texto 1 - EF .....	52
Texto 2 - GM .....	53
Texto 3 - JM .....	54
Texto 4 - MM .....	55

## RESUMO

**RODRIGUES, Fabiana Musa. O ensino do uso da vírgula para os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Brasília, Distrito Federal: Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Línguas Clássicas e Português. Trabalho de Conclusão de Curso de Letras, 2018.**

O presente trabalho tem como objetivo investigar se os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental conseguem compreender algumas regras para o emprego da vírgula na língua escrita. Foi utilizada como base bibliográfica a teoria da aprendizagem conforme exposto por Ana Maria Lakomy (2014) e Fernanda Ostermann & Cláudio José de Holanda Cavalcanti (2011), Dificuldades de aprendizagem: um olhar psicopedagógico, de Daniela Leal & Makeliny Oliveira Gomes Leal (2012), As contribuições de John Lucke no pensamento educacional contemporâneo, de Teresa Kasuko Teruya, Moderna Gramática Portuguesa, de Evanildo Bechara (2009), Gramática normativa da língua portuguesa, de Rocha Lima (2011), Guia de acentuação e pontuação em português brasileiro, de Celso Ferrarezi Junior (2018) e A utilização da vírgula: uma questão de conhecimento linguístico ou de prosódia?, de Andreia Sofia Rodrigues Pereira (2016). A pesquisa desenvolvida foi qualitativa, e aconteceu durante o segundo semestre do ano de 2017, com alunos de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola de rede pública de Planaltina – DF. A pesquisa foi dividida em duas partes: a primeira, os alunos fizeram uma produção de texto sem uma explicação prévia e a segunda, foi dada uma aula sobre três regras para o uso da vírgula (aposto explicativo, deslocamento de adjunto adverbial e termos da mesma função sintática por coordenação) e após fizeram outra produção de texto, para serem analisadas. Durante a pesquisa foi percebido que os alunos do 5º ano do ensino fundamental, possuem muitas dificuldades na compreensão das regras dos termos selecionados (aposto e deslocamento de adjunto adverbial), porém demonstraram entender a regra para as orações coordenadas.

Palavras-chave: VÍRGULA. APRENDIZAGEM. DIFICULDADE.

## ABSTRACT

**RODRIGUES, Fabiana Musa. The teaching of the use of the comma for the students of the 5th year of Elementary School. Brasília, Federal District: University of Brasília, Institute of Letters, Department of Linguistics, Classical Languages and Portuguese. Completion of the Course of Letters, 2018.**

The present work aims to investigate if the students of the 5th grade of Elementary School can understand some rules for the use of comma in written language. Learning disabilities: a psycho-pedagogical view, by Daniela Leal & Makeliny Oliveira Gomes Leal (2012), used as a bibliographical basis is the learning theory as presented by Ana Maria Lakomy (2014) and Fernanda Ostermann & Cláudio José de Holanda Cavalcanti, The Contributions of John Lucke in Contemporary Educational Thought, by Teresa Kasuko Teruya, Moderna Gramática Portuguesa, by Evanildo Bechara (2009), Grammar normative of the Portuguese language, by Rocha Lima (2011), Guide of accentuation and punctuation in Brazilian Portuguese, Celso Ferrarezi Junior (2018) and The use of comma: a question of linguistic knowledge or prosody ?, Andreia Sofia Rodrigues Pereira (2016). The research developed was qualitative, and happened during the second semester of 2017, with students of 5th year of elementary school of a public school in Planaltina - DF. The research was divided into two parts: first, the students did a text production without a previous explanation and the second, was given a class on three rules for the use of comma (explanatory wording, adverbial adjunct displacement and terms of the same syntactic function by coordination) and after they did another text production, to be analyzed. During the research it was noticed that the students of the fifth year of elementary school have many difficulties in understanding the rules of the selected terms (wager and adverbial adjunct displacement), but they demonstrated to understand the rule for coordinated sentences.

Keywords: COMMA. LEARNING. DIFFICULTY.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>09</b>
<b>Capítulo 1 – A criança e a aprendizagem</b> .....	<b>11</b>
1.1 Breve Histórico.....	11
1.2 Teorias da aprendizagem.....	12
1.2.1 Skinner.....	12
1.2.2 Jean Piaget.....	15
1.2.3 Vygotsky.....	18
1.3 Conclusão.....	22
<b>Capítulo 2 – Você sabe usar a vírgula?</b> .....	<b>22</b>
2.1 Introdução.....	22
2.2 Rocha Lima (Gramática Normativa da Língua Portuguesa).....	24
2.3 Evanildo Bechara (Moderna Gramática Portuguesa).....	28
2.4 Conclusão.....	31
<b>Capítulo 3 – Metodologia</b> .....	<b>31</b>
3.1 Metodologia.....	31
3.2 Participantes.....	32
3.3 Procedimentos.....	32
3.4 Análises e discussões.....	33
3.4.1 Aposto Explicativo.....	33
3.4.2 Deslocamento de Adjunto Adverbial.....	35
3.4.3 Funções sintáticas por coordenação.....	37
3.4.4 Reflexões.....	38
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>40</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>42</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>43</b>



## INTRODUÇÃO

É comum encontrar um aluno da Educação Básica dizer que usa a vírgula quando se faz uma pequena pausa para respirar, isso se deu devido as escolas brasileiras adotarem esta ideia:

o ensino de sintaxe no Brasil é historicamente pífio, ineficiente e baseado em memorização de exemplos que “caem na prova”. A grande maioria dos alunos sai da educação básica em conhecer sequer os rudimentos da análise sintática e, assim, por consequência, sem saber usar vírgula e ponto e vírgula. (Ferrarezi, 2018, p. 80)

Se formos pontuar os textos de acordo com essa teoria, teremos:

“Mamãe, meu amor, comprarei, hoje mesmo, para você no mercado: maçã, batata, feijão, óleo, rúcula, farofa, tomate, espinafre, ovos, doces, pães, tudo fresquinho, tudo de primeira!”<sup>1</sup>

A aplicação das vírgulas está correta, porém a leitura ficou complicada porque não são com as pausas e nem com as respirações que se indica coordenações e alterações possíveis trazidas pela Língua Portuguesa. E sim, com as entonações que damos na fala e na leitura de textos.

Dessa forma, os professores devem entender que a língua falada é diferente da língua escrita, não podendo associar a melodia com as respirações e pausas que são naturais da língua falada.

Assim, os alunos estão saindo das escolas sem saber pontuar.

Diante do que foi exposto, esta monografia irá retratar o ensino do uso da vírgula para os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, e está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo, “A criança e a aprendizagem”, vem abordar diferentes concepções acerca da aquisição da aprendizagem. Os principais autores abordados são: Skinner, com a teoria do condicionamento do comportamento humano através de Estímulo-Reforço; Piaget, que traz a teoria interacionista, onde o sujeito se desenvolve através das relações sociais, porém seu foco era na maturação biológica; e Vygotsky, trazendo também a

teoria interacionista ou construtivista, pois acreditava que o desenvolvimento acontecia através da interação com meio. O segundo capítulo, “Você sabe usar a vírgula?”, nos mostra as regras para o uso da vírgula nas concepções de Evanildo Bechara e Rocha Lima, grandes gramáticos da atualidade. O terceiro capítulo, “Metodologia”, trata da metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa e as análises dos resultados, identificando se houve ou não a compreensão das regras de termos selecionado dos alunos de 5º ano do ensino fundamental.

## Capítulo 1

### A criança e a aprendizagem

#### 1.1 Breve Histórico

A partir do século XVII, o filósofo inglês John Locke acreditava que a criança nascia sem possuir nenhuma herança biológica, ou seja, nascia sem saber nada (a teoria da *tábula rasa*). Dessa forma, deveria ser ensinada como se fosse uma folha em branco a ser escrita, não trazendo a sua vivência para a sala de aula como fator importante para a sua aprendizagem.

Essa teoria de Locke se evidencia por meio de uma explicação racional; uma vez que o intelecto humano não seria capaz de formular-se do 'nada', ele precisaria da figura de um educador para transmitir os conhecimentos acumulados para preencher a *tabula rasa*. Nessa lógica, quanto mais impressões de atitudes nobres a *tabula* possuísse, melhor seria a vida do cavalheiro. (TERUYA, p. 12)

Se fossemos analisar toda a história da educação, veríamos que o ensino e a aprendizagem vêm desde o período do grande filósofo Sócrates (469-399 a.C.), onde ensinava seus jovens a pensarem por si próprios. Séculos mais a frente, durante os séculos V e XIV d.C., conhecido como a *Idade das Trevas* ou *Idade Média*, a aprendizagem não evoluiu como poderia, pois a Igreja reduziu apenas à leitura e à escrita às obras que eram consideradas adequadas aos cristãos, privilegiando, assim, aos conteúdos religiosos. Além disso, a aprendizagem se dava de forma repetitiva através da memorização e da cópia. Já na *Idade Moderna*, do século XV ao século XVIII, houve grandes estudiosos como Francis Bacon (1561-1626), René Descartes (1596-1650) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) que defendiam a aprendizagem por meio da razão, da investigação científica e da pesquisa experimental abandonando o argumento da fé. Portanto, ao contrário do que era visto na *Idade Média*, o ensino-aprendizagem era baseado no condicionamento, ou seja, processo de Estímulo-Resposta (aprendizagem mecânica). Diante do que foi dito, atualmente, devemos nos perguntar: “Como estão as nossas escolas?”, ou melhor, “Como está o processo de ensino-aprendizagem na atualidade?”,

“Como atuam os professores?”, “Como se sentem os estudantes?”, enfim, “Como anda a educação?”.

## **1.2 Teorias da aprendizagem**

No decorrer da história, alguns estudiosos desenvolveram teorias sobre o ensino-aprendizagem do ser humano, defendendo diferentes concepções acerca do desenvolvimento do sujeito e da sociedade. Esses estudos visam descobrir e analisar o conhecimento e o desenvolvimento da inteligência. Tais pesquisas são conhecidas como TEORIAS DA APRENDIZAGEM e trazem explicações para a compreensão de como ocorre a aprendizagem, portanto, é importante conhecê-las para propiciar uma profunda reflexão sobre a prática docente.

Desta maneira, será apresentado alguns autores/estudiosos que contribuíram, com suas teorias, nos processos de ensino-aprendizagem na história da educação.

### **1.2.1 SKINNER**

Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), principal representante do behaviorismo nos Estados Unidos e que sua teoria influencia até hoje no meio educacional, “acreditava que apenas os processos objetivos e observáveis do comportamento humano fossem passíveis de estudo e validade científica” (SCHULTZ apud LEAL E NOGUEIRA, 2012, P. 32), ou seja, acreditava nos padrões Estímulo-Resposta (E-R) de uma conduta condicionada. Seu trabalho diferencia de seus predecessores (condicionamento clássico), pois estudou o condicionamento operante, onde o organismo está em processo de operar sobre o ambiente em que se encontra. Durante esse processo, o organismo se depara a um tipo de estímulo (o reforçador) que tem por objetivo influenciar o comportamento. Contudo, o condicionamento operante é seguido de uma consequência, e a natureza da consequência modifica a tendência do organismo a repetir o comportamento futuro. Sua Teoria do Condicionamento Operante é baseado nas pesquisas feitas por Pavlov, conhecida como Teoria do Condicionamento Clássico.

Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936), fisiologista russo, fez estudos com animais em laboratórios, especialmente a digestão de cães. Observe a

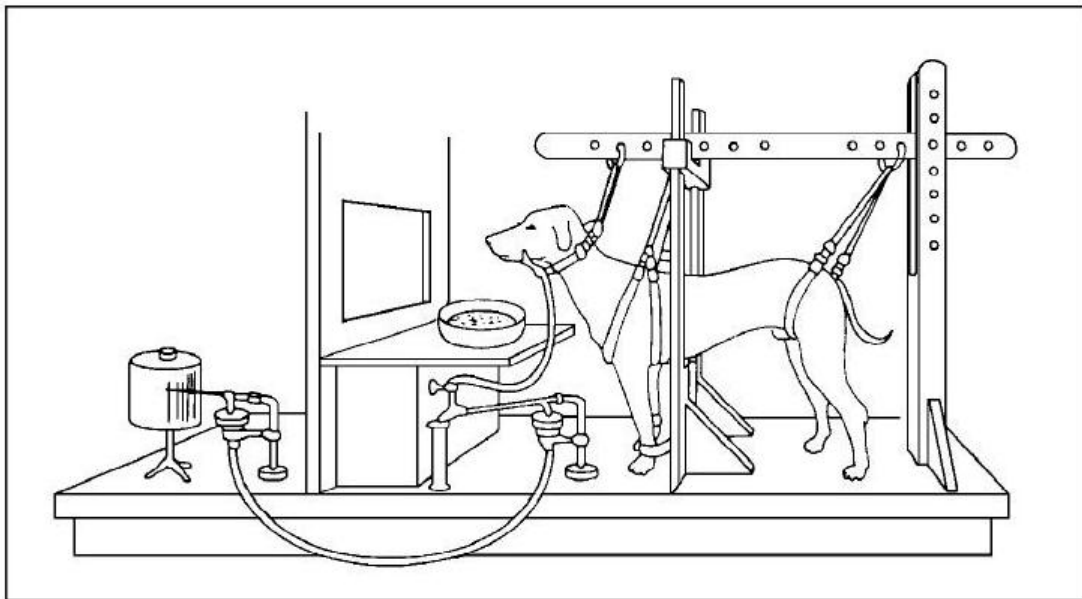


imagem:

(Imagem a)

A imagem (a) ilustra o procedimento experimental feita em 1907 por Nicolai, discípulo de Pavlov. Durante este procedimento, Pavlov pode constatar:

Que os cães salivavam não somente quando o alimento era colocado em suas bocas, mas também diante de estímulos que ocorriam antes disso: toda vez que o animal recebia alimento, soava uma campainha. Com isso, Pavlov emparelhou dois estímulos: som e alimento. Após algumas refeições precedidas do toque da campainha, o cientista observou que os cães salivavam muito quando ouviam esse som, mesmo que ainda não tivessem recebido alimento. (LAKOMY, 2014, p. 15).

Além disso, o fisiologista descobriu que se a campainha continuasse a tocar várias vezes sem que o alimento aparecesse logo após o cão deixaria de salivar, ou seja, Pavlov concluiu que assim que estabelecesse uma resposta para aquele estímulo, poderia, também, extingui-la.

Como citado, Skinner baseou-se na pesquisa descrita acima defendendo que novos comportamentos são aprendidos mediante utilização

adequada de reforços (punição ou recompensa) e, também, fez testes em animais, conhecido como a “Caixa de Skinner”. Observe a imagem:



(Imagem b)

A imagem (b) ilustra como era feita as pesquisas de Skinner com ratos para demonstrar que o organismo está passível de mudança a partir do meio em que vive, ou seja, nessa caixa há um pedal que quando pressionado libera uma porção de comida. Eventualmente e sem querer, o rato pressiona o pedal e cai uma porção de comida na caixa. A partir deste momento, o operante (rato) é o comportamento imediatamente precedente ao reforçador (comida). O que aconteceria com o organismo se parasse de dar o reforçador? Assim como na pesquisa de Pavlov, o rato também, com o tempo, parou de pressionar o pedal.

Contudo, o estudo comportamentalista da aprendizagem é baseado em experimentos envolvendo o comportamento de animais, para os quais estímulos positivos são a comida (recompensa) e os estímulos aversivos são os castigos (punição). Assim, o behaviorismo está interessado no efeito do reforço e da motivação externa sobre os comportamentos aprendidos.

- Como essa teoria se aplica às crianças?

Para Skinner, o melhor método de ensinar as crianças seria através de uma metodologia mecânica, atualmente conhecida como Pedagogia Tecnicista:

O behaviorismo orienta o ensino tecnicista de educação, propondo: planejar e organizar de forma racional as atividades acadêmicas; operacionalizar os objetivos; parcelar o trabalho, especializar funções; ensinar por computadores e teleaulas e procurar tornar a aprendizagem mais objetiva. (LEAL & NOGUEIRA, 2012, p. 33)

As etapas básicas de um processo de ensino-aprendizagem na perspectiva skinneriana são:

- Estabelecimento de comportamentos terminais, através de objetivos instrucionais;
- Análise da tarefa de aprendizagem, a fim de ordenar sequencialmente os passos da instrução;
- Executar o programa, reforçando gradualmente as respostas corretas correspondentes aos objetivos. (OSTERMANN, 2011, p.)

### **1.2.2 PIAGET**

Jean Piaget, durante o seu doutorado, entrou em contato com discussões sobre a Teoria da Evolução de Darwin e interessou-se por religião, sociologia, psicologia e filosofia. Era considerado interacionista, pois acreditava nas interações sociais como fator importante na construção do conhecimento e da inteligência humana. Iniciou seus estudos sobre o desenvolvimento cognitivo observando seus filhos. Através dessas observações, resultou em alguns livros sobre o desenvolvimento da inteligência na primeira infância (até os 12 anos).

Sua teoria tem como foco principal o sujeito epistemológico, ou seja, sujeito que constrói conhecimentos. Essa teoria ficou conhecida como Epistemologia Genética, que aborda o processo de construção do conhecimento. Dessa forma, à medida que a criança começa a interagir com o mundo ao seu redor, passa a atuar e modificar a realidade que a envolve. Portanto:

Para a criança atuar, é necessário haver um ESQUEMA DE AÇÃO. Por meio do esquema, ela interpreta e organiza sua ação para que esta possa ser colocada em prática, ou seja, repetida com ligeiras modificações, em situações diferentes, a fim de que a criança possa atingir novos objetivos. (PIAGET apud LAKOMY, 2014, p. 25)

Esses esquemas são conhecidos como *equilíbrio* (adaptação) e *desequilíbrio* (desadaptação - uma nova aprendizagem). Para que haja a volta da *equilíbrio*, do desenvolvimento do sujeito e que a inteligência seja construída, dois mecanismos são necessários: **assimilação** – tentativa de resolver uma situação sem nenhuma mudança na sua estrutura cognitiva, ou seja, quando o indivíduo incorpora a realidade em seus esquemas de ação – e **acomodação** – que é a necessidade do indivíduo se modificar para superar uma situação alterando sua estrutura cognitiva, ou seja, é a construção de novos esquemas de *assimilação*, promovendo o desenvolvimento cognitivo.

Segundo Piaget apud Lakomy (2014) “a adaptação é um equilíbrio – equilíbrio cuja conquista dura toda a infância e adolescência e define a estruturação própria desses períodos da existência – entre dois mecanismos indissociáveis: *assimilação* e *acomodação*.” Assim, para Piaget, o conhecimento acontece através de um processo contínuo de *desequilíbrios* e de novas e superiores *equilíbrios* que ocorre a construção progressiva do conhecimento. Portanto, ensinar significa provocar o *desequilíbrio* na mente da criança para que ela, procurando o *reequilíbrio*, se reestruture cognitivamente e aprenda.

Diante das observações feitas, Piaget estabeleceu quatro estágios do desenvolvimento cognitivo. São elas:





(imagem c)

**1º Sensório Motor (0 a 2 anos):** é a fase em que o bebê não apresenta pensamentos e nem afetividade. Contudo, as funções mentais limitam-se ao exercício dos aparelhos reflexos inatos. Assim sendo, o universo que circunda a criança é conquistado mediante a percepção e os movimentos (como a sucção, o movimento dos olhos, por exemplo).

**2º Pré-operatório (2 a 7 anos):** é a fase do egocentrismo e do desenvolvimento de uma capacidade simbólica, ou seja, é a emergência da linguagem. Na linha piagetiana, o desenvolvimento da linguagem depende do desenvolvimento da inteligência. Segundo La Taille, op.cit.; Furtado, op.cit., etc. apud Terra

a emergência da linguagem acarreta modificações importantes em aspectos cognitivos, afetivos e sociais da criança, uma vez que ela possibilita as interações interindividuais e fornece, principalmente, a capacidade de trabalhar com representações para atribuir significados à realidade. Tanto é assim, que a aceleração do alcance do pensamento neste estágio do desenvolvimento, é atribuída, em grande parte, às possibilidades de contatos interindividuais fornecidos pela linguagem.

**3º Operatório concreto (7 a 12 anos):** é a fase na qual a criança age sobre o mundo concreto, real e visível; desenvolve a capacidade de pensar de

maneira lógica que ainda está presa à realidade concreta, ou seja, a criança não consegue pensar de forma abstrata; começa a estabelecer relações (supera o egocentrismo).

**4º Operatório formal (12 anos em diante):** é a fase em que a criança consegue pensar e trabalhar com a realidade abstrata, formular e testar hipóteses, ou seja, ela não precisa mais do concreto para agir. Para Piaget, ao chegar nesta fase, o indivíduo atingiu a sua forma final de equilíbrio que persistirá até a fase adulta.

Para Piaget, os conhecimentos são elaborados espontaneamente pela criança – do individual para o social. Dessa forma, privilegia a maturação biológica (as quatro fases do desenvolvimento cognitivo) para o desenvolvimento humano que, por sua vez, diz que o pensamento é anterior a linguagem (uma forma de expressão da criança) já que a aprendizagem é subordinada ao desenvolvimento cognitivo.

### 1.2.3 VYGOTSKY

Lev Semenovich Vygotsky, professor e pesquisador russo, foi contemporâneo de Piaget; sendo o pioneiro na introdução da teoria histórico-cultural, ou seja, onde o meio social torna-se parte da natureza de cada indivíduo. Através dessa teoria, o conhecimento é internalizado e transformado pelas crianças por meio da interação com as pessoas que as rodeiam ocasionando, assim, uma diferença entre elas, pois há diversidade de interações sociais que ativam os processos distintos de desenvolvimento cognitivo. Durante seus experimentos, Vygotsky pode perceber que a fala acompanha a atividade prática ou física da criança. Dessa forma, aponta que a linguagem desempenha o papel fundamental na atividade cognitiva (pensamento mais complexo e abstrato) da criança. Contudo:

“O momento de maior significado no curso do desenvolvimento intelectual, que dá origem às formas puramente humanas de inteligência prática e abstrata, acontece quando a fala e a atividade prática, então duas linhas completamente independentes de

desenvolvimento, convergem.” (VYGOTSKY apud LAKOMY, 204, p. 31)

Assim, observou que a linguagem era a principal via de transmissão da cultura e o veículo principal do pensamento, ou seja, a criança utiliza-se de palavras e símbolos para a construção dos conceitos mais rapidamente.

Além das observações referentes a linguagem e ao pensamento, Vygotsky buscava compreender o desenvolvimento dos processos psicológicos que podiam ser divididos em: elementares e funções psicológicas superiores. Os primeiros são de origem biológica, sendo as reações automáticas, ações reflexas e associações simples; e os segundos são de origem sociocultural, sendo a capacidade de planejamento, memória e imaginação. Dessa maneira, dedicou-se às funções psicológicas superiores, pois constituem ser o modo de funcionamento tipicamente humano devido as interações dos fatores biológicos com os fatores culturais. O homem deve ser considerado sob vários pontos, segunda Vygotsky:

- Filogênese: história/evolução da espécie;
- Sociogênese: história cultural onde o sujeito está inserido, surgindo a linguagem;
- Ontogênese: Transformações do indivíduo;
- Microgênese: história das aprendizagens particulares.

Diante desses pontos, na concepção histórico-cultural o homem só se constitui homem na convivência, através das interações sociais (meio físico e meio social). Para atuar no meio físico será necessário a utilização de mediadores, que são tidos como instrumentos que modificam a natureza. Esses instrumentos, mediações, são de suma importância no processo de aprendizagem.

Não se pode analisar o desenvolvimento da criança nem avaliar suas aptidões, nem sua educação, se omitirmos seus vínculos sociais. Com base nisso, Vygotsky desenvolveu o conceito de *Zona de Desenvolvimento Proximal* (ZDP), que tem grande repercussão no meio educacional. Observe as imagens:



(imagem d)



(imagem e)

A imagem (d) ilustra o conceito de ZDP, que é a distância entre a zona de desenvolvimento real (o que a criança já sabe/aprendeu) e a zona de desenvolvimento potencial (o que a criança precisa aprender), logo, essa distância de uma zona a outra é onde o professor, o adulto ou o colega fará o papel de mediação na construção da aprendizagem da criança. Esse processo de mediação, como papel facilitador na aprendizagem, está representado na imagem (e). Segundo Lakomy (2014, p. 33):

Assim, a zona de desenvolvimento proximal permite ao professor delinear o que a criança é capaz de atingir, bem como identificar seu estado de desenvolvimento cognitivo. Nessa perspectiva, o professor não deve focar aquilo que a criança já aprendeu, mas o que ela realmente necessita aprender para atingir o seu desenvolvimento real.

Diante do foi exposto, Vygotsky estabeleceu uma relação entre fala e ação, passando por três fases:

- **Fala social (até 3 anos):** a fala acompanha as ações das crianças, de forma dispersa e caótica, refletindo as dificuldades que ela sente para solucionar as questões que são colocadas.
- **Fala egocêntrica (3 – 6 anos):** a fala muda a sua função e passa a preceder a ação. Nessa etapa, atua como auxiliar do plano de ação já concebido, mas ainda não realizado.
- **Fala interior (6 anos em diante):** a fala externa vai desaparecendo até tornar-se fala interna. Nessa fase, a criança é capaz de controlar seu comportamento, seu pensamento, sua percepção, sua atenção, sua memória e sua capacidade de solucionar problemas, mesmo quando não estão o seu campo visual.

Em suma, tanto Piaget quanto Vygostky, em seus trabalhos, apontam para um processo de ensino e aprendizagem composto por conteúdos organizados, que são transmitidos por meio da interação social e têm como finalidade o desenvolvimento cognitivo, afetivo, cultural e social de uma pessoa, a qual se torna um agente de transformação na sua comunidade.

É destacada, portanto, a importância da figura do professor como modelo e elemento-chave nas interações sociais do estudante. Os sistemas de signos, a linguagem, os diagramas que o professor utiliza têm um papel relevante na psicologia vygotskyana, pois a aprendizagem depende da riqueza do sistema de signos transmitido e como são utilizados os instrumentos. O objetivo geral da educação, nesta perspectiva, seria o desenvolvimento da consciência construída culturalmente.

### 1.3 CONCLUSÃO

Vimos neste capítulo, algumas das principais teorias da aprendizagem que contribuíram para a compreensão sobre o desenvolvimento cognitivo da criança, auxiliando, no entanto, a prática docente. Os principais teóricos foram: Skinner (behaviorista) – trouxe a concepção de que a aprendizagem acontece através do condicionamento do comportamento (E-R), sendo reforços positivos e negativos –, Piaget (interacionista/construtivista) – acreditava que a aprendizagem poderia ocorrer através das interações sociais do indivíduo, mas seus estudos foram voltados para a maturação biológica no processo de desenvolvimento, sendo dividido em quatro estágios: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal – e Vygotsky (interacionista/construtivista) – acreditava que a aprendizagem ocorria através das interações sociais, mas também das interações culturais; seus estudos tiveram foco na fala e no pensamento como fatores primordiais no processo de desenvolvimento da criança. Além disso, apresentou o conceito de ZDP, tendo a mediação como papel fundamental para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Dessa forma, é relevante que o docente conheça as principais teorias da aprendizagem, pois, atualmente, na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEE-DF), utiliza-se da teoria construtivista (Vygotsky), ou seja, da ideia da interação como fator principal para o ensino-aprendizagem nas escolas públicas. Lembrando que o papel do professor nesse processo é de extrema importância para que o aluno (independentemente da idade e do nível escolar) possa alcançar a sua zona de desenvolvimento real.

## Capítulo 2

### Você sabe usar a vírgula?

#### 2.1 Introdução

Ao falarmos, utilizamos recursos, como a melodia – conhecida como entonação – para sabermos se estamos falando uma afirmação, uma pergunta ou uma exclamação (algum tipo de sentimento: ódio, terror, ironia). Na escrita não é diferente, para conseguirmos expressar o sentimento ou a intenção naquilo que escrevemos, utilizamos recursos como a pontuação. A pontuação dá a melodia (entonação) na frase, no texto, ou seja, dá o ritmo na leitura marcando a mudança da tonalidade. Além disso, são sinais gráficos que auxiliam para coesão e coerência de um texto.

Na escrita oficial do português possuímos os seguintes sinais de pontuação:

- **Ponto (.)**: utilizado para terminar uma ideia, um discurso ou um período.
- **Vírgula (,)**: utilizado para separar termos da mesma função sintática, bem como separar o aposto e o vocativo.
- **Ponto e vírgula (;)**: separar várias orações dentro de uma mesma frase e para separar uma relação de elementos.
- **Dois pontos (:)**: utilizado antes de uma explicação, para introduzir uma fala ou para iniciar uma enumeração.
- **Exclamação (!)**: colocado em frases que denotam sentimentos como surpresa, desejo, susto, ordem, entusiasmo, espanto.
- **Interrogação (?)**: utilizado para interrogar, perguntar.
- **Reticências (...)**: suprimir palavras, textos ou até mesmo indicar que o sentido vai muito mais além do que está expresso na frase.
- **Aspas (“ ”)**: É utilizado para enfatizar palavras ou expressões.
- **Parênteses (())**: utilizados para isolar explicações ou acrescentar informação acessória.

- **Travessão (—):** utilizado no início de frases diretas para indicar os diálogos do texto bem como para substituir os parênteses ou dupla vírgula.

Dessa forma, neste capítulo falaremos sobre a vírgula apresentando definições dadas por autores como Rocha Lima (Gramática Normativa da Língua Portuguesa) e Evanildo Bechara (Moderna Gramática Portuguesa).

## 2.2 Rocha Lima (Gramática Normativa da Língua Portuguesa)

Rocha Lima traz o conceito de pontuação como sendo pausas rítmicas tanto na fala quanto na escrita através de sinais gráficos. Portanto, para este autor, a vírgula é uma “pausa que não quebra a continuidade do discurso, indicativa de que a frase ainda não foi concluída” (2011). A seguir, será listado dezessete regras para o uso da vírgula.

Usa-se a vírgula em:

- 1- Separação de termos com mesma função – assindéticas.

Exemplo:

*“Era o nada, a eversão do caos no cataclismo,  
A síncope do som no páramo profundo,  
O silêncio, a algidez, o vácuo, o horror do abismo...”*

(Olavo Bilac)

**OBS:** Quando houver a conjunção “e” entre os dois últimos termos da oração, suprime-se o uso da vírgula.

- 2- Isolamento do vocativo.

Exemplo:

*“O meu Amor, que já morreste,  
O meu Amor, que morta estas!*



*La nessa cova a que desceste,  
O meu Amor, que já morreste,  
Ah! nunca mais floresceras?!”*

(Cruz e Sousa)

3- Isolamento do aposto.

Exemplo:

*“Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão...”* (Machado de Assis)

4- Deslocamento dos adjuntos adverbiais.

Exemplo:

*“Por impulso instantâneo, todo o ajuntamento se pôs de pe.”* (Rebelo da Silva)

**OBS:** fica facultativo o uso da vírgula quando o adjunto adverbial for expresso por um simples advérbio podendo estar deslocado ou não.

5- Supressão do verbo.

Exemplo:

*“Eu sou empregado público:  
Tu, minha noiva bem cedo.  
Eu sou Artur Azevedo;  
Tu es Carlota Morais.”*

(Arthur Azevedo)

6- Datas.

Exemplo:

*“Milão, 9 de março de 1909.”*

**OBS:** este exemplo é de Olavo Bilac de carta enviada à Coelho Neto.

7- Construções em que o complemento verbal, vindo antes do verbo, é repetido por um pronome.

Exemplo:

*“Arquiteto do mosteiro de Santa Maria, já o não sou.”* (Alexandre Herculano)

8- Isolamento de conectivos.

Exemplo:

*“por exemplo, além disso, isto e, a saber, aliás, digo, minto, ou melhor, ou antes, outrossim, demais, então, com efeito, etc.”*

9- Isolamento de orações ou termos intercalados.

Exemplo:

*“A mim me parece, tornou Leonardo, que os títulos e coisa conveniente e necessária.”* (Rodrigues Lobo)

10- Separação de orações coordenadas assindéticas.

Exemplo:

*“Há sol, há muito sol, há um dilúvio de sol.”* (Hermes Fontes)

11- Separação de orações coordenadas ligadas pela conjunção “e” quando os sujeitos forem diferentes.

Exemplo:

*“Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se.”* (Machado de Assis)

12- Separação de orações coordenadas ligadas pelas conjunções adversativas (mas), aditivas, explicativas ou alternativas.

Exemplos:

- a) “*Não és filha, **mas** hospeda da Terra!*” (Olavo Bilac) - Adversativa
- b) “*Não se deve julgar o homem por uma só ação, **senão** por muitas.*” (Carneiro Ribeiro) - Aditiva
- c) “*Fiquem-se com o Senhor, **que** eu vou-me.*” (Antônio Feliciano de Castilho) - Explicativa
- d) “**Ou** o conhece, **ou** não.” (Antônio Vieira) – Alternativa

13- Isolamento das conjunções adversativas (porém, todavia, entretanto, no entanto, contudo) e conjunções conclusivas (logo, pois, portanto).

Exemplos:

- a) “**Contudo**, ao sair de lá, tive umas sombras de dúvida...” (Machado de Assis)
- b) “*Nada diminuía, **portanto**, as probabilidades do perigo e a poesia da luta.*” (Rebello da Silva)

14- Separação de orações consecutivas.

Exemplo:

“(...) e o fulgor das pupilas negras fuzilava tão vivo e por vezes tão recobrado, que se tornava irresistível.” (Rebello da Silva)

15- Separação de orações subordinadas adverbiais.

Exemplo:

“**Enquanto** o senhor escarneceu o feitio das minhas botas, estava no seu ofício e no seu direito. Das botas acima, não.” (Camilo Castelo Branco)

16- Separação de adjetivos e orações adjetivas.

Exemplo:

*“A cabroeira, alucinada, gritava atrozmente (isto e: porque estava alucinada).”*

- 17- Separação de orações subordinadas reduzidas de participio, gerúndio e infinitivo.

Exemplo:

*“A brisa, **roçando** as grimpas da floresta, traz um débil sussurro...”*  
(José de Alencar)

### **2.3 Evanildo Bechara (Moderna Gramática Portuguesa)**

Bechara traz o conceito de pontuação como sendo sinais sintáticos tendo por objetivo organizar as relações e a proporção das partes do discurso e das pausas orais e escritas (2009). Além disso, é peça fundamental da comunicação e é objeto de estudo e aprendizado. Assim como Rocha Lima, Bechara afirma que a pontuação são pausas (conclusas e inconclusas). A seguir, será listado dezesseis regras para o uso da vírgula.

Usa-se a vírgula em:

- 1- Separação de termos coordenados ligados por uma conjunção.

Exemplo:

*“Carlos Gomes, Vítor Meireles, Pedro Américo, José de Alencar tinham-nas começado [CL.1, I, 102].”*

- 2- Separação de orações coordenadas aditivas que iniciam com a conjunção “e”.

Exemplo:

*“No fim da meia hora, ninguém diria que ele não era o mais afortunado dos homens; conversava, chasqueava, e ria, e riam todos” [CL.1, I, 163].*

- 3- Separação de orações coordenadas alternativas.

Exemplo:

*“Ele sairá daqui logo, **ou** eu me desligarei do grupo.”*

4- Apostos.

Exemplo

*“ora enfim de uma casa que ele meditava construir, **para residência própria, casa de feitiço moderno...**” [MA.1, 238].*

5- Pleonasmos e/ou repetições.

Exemplo:

*“**Nunca, nunca,** meu amor!” [MA.1, 55].*

6- Vocativos.

7- Separação de orações adjetivas de valor explicativo.

Exemplo:

*“perguntava a mim mesmo por que não seria melhor deputado e melhor marquês do que o lobo Neves, – **eu, que valia mais, muito mais do que ele,** – ...” [MA.1, 137].*

8- Separação de orações adjetivas restritivas quando verbos de orações distintas se juntam.

Exemplo:

*“No meio da confusão que produzira por toda a parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavaleiros...” [AH.1, 210].*

9- Separação de orações intercaladas.

Exemplo:

*“Não lhe posso dizer com certeza, respondi eu”* [MA.1, 183].

10- Separação de adjuntos adverbiais que vêm antes do verbo e orações adverbiais que vêm antes ou no meio de suas principais.

Exemplo:

*“Eu mesmo, até então, tinha-vos em má conta...”* [MA.1, 185].

11- Datas.

Exemplo:

*“Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1961.”*

12- Separação das partículas e expressões de explicação, correção, continuação, conclusão, concessão.

Exemplo:

*“e, **não obstante**, havia certa lógica, certa dedução”* [MA.1, 89].

13- Separação de conjunções e advérbios adversativos quando pospostos.

Exemplo:

*“A proposta, **porém**, desdizia tanto das minhas sensações últimas...”* [MA.1, 87].

14- Indicação da eclipse do verbo.

Exemplo:

*“Ele sai agora: eu, logo mais.”*

15- Assinalar a interrupção de um seguimento natural das ideias e se intercala um juízo de valor ou uma reflexão subsidiária.

## 16-Separação de termos deslocados.

Exemplo:

*“De todas as revoluções, para o homem, a morte é a maior e a derradeira”*  
[MM].

## 2.4 Conclusão

Vimos neste capítulo, os conceitos de pontuação como sendo sinais gráficos que dão ritmo e expressam uma pausa tanto na fala quanto na escrita. Foi apresentado os principais sinais de pontuação (ponto, vírgula, ponto e vírgula, parênteses, aspas, travessão, exclamação, interrogação, dois pontos e reticências) e suas definições. Além disso, mostramos os conceitos de pontuação de Evanildo Bechara – pausas conclusas e inconclusas – e Rocha Lima – pausas rítmicas.

Diante do exposto, é perceptível que os autores citados retratam o uso da vírgula como uma pausa que dá melodia (entonação) a leitura de textos. Para isso, apresentaram entre 16 e 17 regras/situações na qual devemos utilizar a vírgula e analisando tais situações, surge a seguinte questão: “você sabe usar a vírgula?”. A resposta é simples: NÃO! Ainda não conseguimos apropriar de tantas regras para o seu uso.

## Capítulo 3

### Metodologia da pesquisa e análise dos dados

#### 3.1 Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho é a pesquisa qualitativa que busca contextualizar os dados, fazendo a interlocução entre o mundo objetivo e subjetivo dos participantes, não podendo ser apenas refletida pela expressão numérica. A pesquisa qualitativa, no campo da educação, se constrói com base no interpretativismo, ou seja, todos os métodos têm em comum um compromisso com a **interpretação** das ações sociais e com o significado que as pessoas conferem a essas ações na vida social. Desta forma, Segundo Bortoni-Ricardo (2011) “a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto”.

Portanto:

[...] a tarefa da pesquisa interpretativista é descobrir como padrões de organização social e cultural, locais e não-locais, relacionam-se às atividades de pessoas específicas quando elas escolhem como vão conduzir sua ação social. A pesquisa interpretativista não está interessada em descobrir leis universais por meio de generalizações estatísticas, mas sim em estudar com muitos detalhes uma situação específica para compará-la a outras situações. Dessa forma, é tarefa da pesquisa qualitativa de sala de aula construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos. (Bortoni-Ricardo, 2011, p. 41-42)

Dessa forma, o pesquisador aponta então características gerais que compõem a abordagem qualitativa: o ambiente natural é fonte de dados; deve-se considerar o planejamento e o pesquisador como instrumentos importantes para registrar e captar o fenômeno, a natureza das análises priorizando o processo, não se restringindo aos resultados. Assim, para o microcosmo da sala de aula, a pesquisa qualitativa volta

[...] para a observação do processo de aprendizagem da leitura e escrita, vai registrar sistematicamente cada sequência de eventos



relacionados a essa aprendizagem. Dessa forma, poderá mostrar **como** e **por que** algumas crianças avançam no processo, enquanto outras são negligenciadas ou se desinteressam do trabalho conduzido pelo professor, [...] (Bortoni-Ricardo, 2011, p. 35)

### **3.2 Participantes**

Participaram da pesquisa alunos de uma escola da rede pública de Planaltina-DF, na qual trabalhei durante o ano de 2017, das cinco turmas de 5º ano do Ensino Fundamental, com idades de, aproximadamente, 10 e 11 anos.

Para iniciar esta pesquisa, conversei com as professoras das turmas e expliquei o objetivo da tal. Além disso, conversei com todos os alunos e os mesmos demonstraram interesse na participação do trabalho.

### **3.3 Procedimentos**

O objetivo da pesquisa é verificar se os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental conseguem compreender alguns usos da vírgula, tirando a ideia de que é utilizada apenas quando for uma pausa na leitura.

Para iniciar a pesquisa, pedi aos alunos que fizessem uma produção de texto (anexo 1) para que eu pudesse analisar posteriormente. No segundo dia, foi aplicada uma aula (anexo 2) na qual foi explicado três situações onde podemos utilizar a vírgula: a) separação de termos com a mesma função sintática por coordenação, b) separação do aposto e c) deslocamento de adjunto adverbial dentro da oração. Após a explicação, foi passado exercícios de fixação do conteúdo e a partir desse momento fui tirando as dúvidas que surgiam. Ao final da aula, pedi que os alunos fizessem uma nova produção de texto (anexo 3) para verificar se conseguiram compreender onde podemos utilizar a vírgula. Para fazer essa verificação, foi analisado o texto que os alunos produziram antes da aula e o texto que produziram após a aula.

### 3.4 Análise e discussões

Nesta seção, faremos as análises das produções de texto separando-as nos seguintes tópicos: erros quanto ao aposto, erros quanto ao deslocamento de adjunto adverbial e erros quanto às funções sintáticas por coordenação. A pesquisa foi feita com 107 alunos e obtendo 214 produções de texto. Dentre esses alunos escolhemos 4, sendo que foram analisadas duas produções de cada aluno, gerando no total uma análise de 8 redações. Ao selecionar esses, meu objetivo foi de verificar quais são as dificuldades encontradas nos textos produzidos antes da aula proposta e se tais dificuldades foram sanadas nos textos produzidos após a aula.

#### 3.4.1 Aposto

Para se ter um aposto é necessário que o substantivo ou o pronome venham imediatamente acompanhado de outro termo nominal, a título de individualização ou esclarecimento, ou seja, o aposto é “um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal” (Bechara, 2009). Dessa forma, o aposto é considerado um termo acessório que pode ser assinalado com ou sem o uso de vírgulas.

- Sem o uso de vírgulas:

Tanto Bechara (2009) quanto Rocha Lima (2011), afirmam que o aposto sem a delimitação da vírgula é a denominação do ser, individualizando-o dentro do gênero, assim, aplicando diretamente ao núcleo nome.

Exemplos:

O padre *Anchieta* foi o primeiro professor do Brasil. (Rocha Lima)

O professor *Machado* honrou o magistério. (Bechara)

- Com o uso de vírgulas:

Os mesmos autores, afirmam que quando há uma explicação do termo fundamental da oração é marcado por pausa, dessa forma, utiliza-se vírgulas ou sinal equivalente.

Exemplos:

Hermes Fontes, *grande poeta brasileiro*, estreou com um formoso livro: *Apoteoses*. (Rocha Lima)

Pedro II, *imperador do Brasil*, protegia jovens talentosos. (Bechara)

Conforme as definições acima, faremos uma análise da tabela abaixo:

Antes da aula - Erros	Após a aula - Erros
1a)“- e derrepente ele <b>o príncipe encantado</b> saiu correndo e quando ele chegou ao local a onde saiu o som ele viu uma Precesa e ele disse” JM	2a) “E derrepente o seu casção vio o cebolinha <b>seu Melhor amigo</b> que tava tentando levanta um pesso de 20 quilo” JM

Dentro de todos os textos selecionados para a análise, encontramos apenas duas ocorrências de aposto explicativo sendo uma antes (1a) e uma depois da aula (2a), ambas com problemas de pontuação. Apesar de poucos dados, podemos dizer que tanto antes como depois da aula as dúvidas permaneceram e os problemas de pontuação dessa função sintática se mantiveram.

Diante do que foi apresentado, eis a questão: Por que há erros quanto a pontuação em aposto explicativo?

Durante a análise, algumas hipóteses foram levantadas para responder a essa questão:

- 1- A complexidade dessa função sintática para os alunos de 5º ano do Ensino Fundamental.
- 2- A dificuldade de compreensão, por parte dos alunos, de que um determinado termo que esteja explicando algo deve estar entre vírgulas.
- 3- Os alunos conhecem a estrutura, porém não conhecem a pontuação da língua escrita. Pois, na língua falada têm o total domínio da estrutura. Já na língua escrita, eles não têm o domínio da marcação dessa estrutura através da pontuação.

### 3.4.2 Deslocamento de adjunto adverbial

Adjunto adverbial é um termo que acompanha o verbo, constituindo uma classe heterogênea. Este fato leva com que não seja nítido delimitar as fronteiras com outras funções sintáticas. E isto porque ela depende das relações, muita vez sutis, estabelecidas pela preposição introdutória.

Os adjuntos adverbiais podem ser de:

- Tempo;
- Lugar;
- Modo;
- Instrumento;
- Assunto;
- Causa;
- Companhia;
- Condição
- Concessão;
- Concomitância;
- Conformidade;

- Favor;
- Fim;
- Meio;
- Oposição;
- Preço;
- Quantidade.

Conforme as definições acima, faremos uma análise da tabela abaixo:

<b>Antes da aula - Erros</b>	<b>Após a aula - Erros</b>	<b>Após a aula - Acertos</b>
3a) “ <b>Depois</b> Henrique pegou a bola e devolveu a escada para Emilly, e depois todo mundo foi para a sua casa” JM	4a) “ <b>Logo depois o</b> seu amigo Cascão chegou e falou.” AF	5a) “ <b>Um dia</b> , cebolinha foi pra academia mais o Cascão,...” GM
3b) “ <b>No dia seguinte</b> Henrique foi bem cedinho chamar os seus amigos Wendersom, Pedro e Marcos, para jogar volei,...” MM	4b) “ <b>E derrepente o</b> seu casção vio o cebolinha seu Melhor amigo que tava tentando levanta um pesso de 20 quilo” JM	5b) “ <b>Em um belo dia</b> , Marcos resolveu sair para chamar seu amigo chamado Wendersom, ...” MM
3c) “- <b>e derrepente</b> ele o príncipe encantado saiu correndo e quando ele chegou ao local a onde saiu o som ele viu uma Precesa e ele disse” JM	-----	-----

Dos textos analisados, encontramos cinco erros quanto ao emprego da vírgula no deslocamento de adjunto adverbial, sendo três antes da aula (3a, 3b e 3c) e duas após a aula (4a e 4b), porém após a aula apareceram dois acertos (5a e 5b) mostrando que, de certa forma, o conteúdo começa ser assimilado pelos alunos, pois dois alunos diferentes conseguiram demonstrar acertos. Entretanto, nos dados 3b e 5b, do aluno MM, notamos que começou a resolver a sua dificuldade quanto ao conteúdo. Contudo, o aluno JM permaneceu com dificuldades em assimilar o deslocamento do adjunto adverbial.

Diante do que foi apresentado, eis a questão: Por que há erros quanto a pontuação em deslocamento de adjunto adverbial?

Durante a análise, uma hipótese foi levantada para responder a essa questão:

- 1- Não conhecer a estrutura de uma oração: Sujeito – Verbo – Objeto (S-V-O).  
Pois, o adjunto adverbial faz parte do objeto e quando esse objeto é deslocado dentro da oração, coloca-se vírgula.

### 3.4.3 Funções sintáticas por coordenação

As orações coordenadas “apresentam uma mesma função textual, palavras e grupos de palavras de mesmas funções (tais como sujeito, complemento, adjunto)” (Bechara, 2009).

Exemplo:

*Cheguei, vi, venci.* (Rocha Lima)

Neste exemplo, podemos notar que as orações sucedem naturalmente, realçadas apenas por pausas marcadas por vírgulas. Porém, poderia haver entre elas uma conjunção coordenativa, por exemplo, a conjunção aditiva “e” entre os dois últimos termos.

As orações coordenadas podem ser assindéticas – sem conjunções – e sindéticas – com conjunções. Estas são classificadas em: Aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

Conforme as definições acima, faremos uma análise da tabela abaixo:

<b>Antes da aula - Acertos</b>	<b>Após a aula - Acertos</b>
6a) “Magali esperou <b>horas, dias e até noites</b> , mas nada do príncipe chegar.” EF	7a) “... Cebolinha e Casção foram ao mercado e compraram: <b>2 maçã, 2 águas com gás e 2 bananas.</b> ” EF
6b) “No dia seguinte Henrique foi bem cedinho chamar os seus amigos <b>Wendersom, Pedro e Marcos</b> , para jogar volei,...” MM	7b) “- Cebolinha fez a <b>1ª tentativa, 2ª tentativa, 3ª tentativa e na 4ª tentativa</b> , Cebolinha foi de cabeça para baixo,...”EF
6c) “- então a precesa ficou <b>sem escada, pricepe e sorvete</b> ” JM	-----
6d) Joãozinho tá fazendo uma declaração de amor para Magaly, ele <b>canta uma cansão, um poema, uma declaração e mais e mais poemas</b> pra Magaly.”GM	-----

O que tem em comum nas orações 6a, 6b, 6c e 6d é que todos tiveram acertos em textos produzidos antes da aula proposta. Já nas orações 7a e 7b, todos tiveram acertos em textos produzidos após a aula.

Contudo, podemos perceber que quatro dos alunos selecionados demonstraram conhecer a coordenação, usando corretamente a vírgula nos textos produzidos antes da aula proposta e após a aula, nos textos que apareceram a coordenação, mantiveram os acertos. Dessa maneira, mostra que os alunos, de alguma forma, conhecem as regras do uso da vírgula nas orações coordenadas. Assim, após a aula, puderam fixar ainda mais o seu conhecimento como no caso das orações 6a, 7a e 7b, que são da mesma aluna.

Diante do que foi apresentado, eis a questão: Por que há acertos quanto a pontuação em funções sintáticas por coordenação?

Durante a análise, algumas hipóteses foram levantadas para responder a essa questão:

- 1- A presença da conjunção aditiva “e” favorece o uso da vírgula, pois a conjunção pode ser substituída pela vírgula e vice-versa.
- 2- Em algum momento da vida escolar, os alunos tiveram contato com o uso da vírgula nas coordenações (enumerações).

#### **3.4.4 Reflexões**

Observando todos os dados, notamos que os alunos apresentaram dificuldades em assimilar o emprego da vírgula em aposto explicativo e deslocamento de adjunto adverbial, porém, neste, alguns alunos conseguiram entender o conceito e a fazer o emprego corretamente. Antes de iniciar a aula sobre a vírgula, expliquei aos meus alunos o conceito de advérbio e a sua posição dentro da oração, e isso acarretou em alguns acertos durante a pesquisa.

Todavia, o resultado não foi o que se esperava. Acredito que a quantidade de aula dada pode não ter sido o suficiente para que os alunos pudessem compreender melhor e a forma como foi aplicada, pois foi dada apenas uma aula e nessa foi abordada os três temas juntos: aposto, deslocamento de adjunto adverbial e funções sintáticas por coordenação. Além disso, a seleção dos textos para a análise também pode ter influenciado nos resultados.

De acordo com o que foi exposto, o que poderia ter sido feito para que as dificuldades, principalmente em aposto e deslocamento de adjunto adverbial, pudessem ser solucionadas?

- 1- Ter tido mais aulas;
- 2- Ter explicado separadamente cada termo;

Apesar dos resultados, os alunos têm o potencial de compreender o uso da vírgula, desde que seja explicado os termos que estejam apropriados ao nível de conhecimento dos mesmos. Pois, durante a aula, demonstraram conhecer as regras para o uso do vocativo, datas e termos de mesma função sintática por coordenação. Isso mostra, que os alunos de Ensino Fundamental podem assimilar os conceitos do uso da vírgula, quebrando o paradigma de que a vírgula é apenas utilizada para uma pausa.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o presente trabalho discutiu a aprendizagem dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental quanto ao uso da vírgula. Para chegar a essa discussão, falamos, no primeiro capítulo, sobre algumas concepções das teorias da aprendizagem como as teorias de Skinner (Estímulo-Resposta), Piaget (interação com o meio, porém seu trabalho era voltado ao desenvolvimento biológico da crianças) e Vygotsky (interação com o meio, porém seu trabalho era voltado ao desenvolvimento intelectual da criança) para entendermos melhor como funciona o processo de ensino e aprendizagem. De acordo com esses autores, as crianças se desenvolvem cognitivamente desde que sejam estimuladas para tal, tanto com reforço (positivo ou negativo) quanto com a interação/mediação do meio em que vivem.

No segundo capítulo, abordamos as regras para o emprego da vírgula. Utilizamos os autores Evanildo Bechara e Rocha Lima que definem que a vírgula é uma pausa, porém nos apresentam várias maneiras de como utilizá-la. Dessa forma, compreende-se o porquê dos professores da Educação Básica, principalmente das séries iniciais, ensinarem aos alunos que se utiliza a vírgula quando for uma “pausa pequena” ou uma “pausa para a respiração”, não compreendendo que a pausa citada pelos gramáticos é uma pausa rítmica ou melódica para dar ritmo à leitura de textos.

No terceiro capítulo, fizemos as análises de produções textuais dos alunos. Nesta sessão, constituiu em verificar se os alunos conseguiram compreender três situações para o emprego da vírgula, sendo aposto explicativo, deslocamento de adjunto adverbial e funções sintáticas de orações coordenadas. O resultado não foi o esperado devido a vários fatores que podem ter influenciado como o tempo e a forma de aplicação da aula. Porém, acredito que se tivesse explicado separadamente cada termo e com mais tempo para as aulas e/ou ter selecionado termos voltados para o nível deles, teriam conseguido entender, compreender e aplicar corretamente; e os resultados teriam sido melhores.

Todavia, independentemente do resultado, as crianças dessa faixa etária, entre 10 e 12 anos, tem condições de assimilar os conceitos, pois, de acordo com Piaget, a criança nessa idade começa a entrar na fase de absorção de conhecimentos abstratos. Segundo Ferrarezi (2018):

A organização sintática da língua somente pode ser compreendida por crianças que já passaram da fase concreta da cognição e já adentraram no período em que

conseguem lidar com abstrações. Isso ocorre mais ou menos lá pelos 11 e 12 anos de idade, ou seja, quando elas já deixam de ser crianças.

Entretanto, vem o papel fundamental do professor que é de fazer a mediação entre o ensinar e o aprender. Temos que acabar com esse paradigma de subestimar a capacidade de assimilação das crianças. Temos que banir das escolas essa ideia de que a vírgula é uma pausa ou uma respiração, caso contrário, nossos alunos continuarão a não saber utilizá-la de forma correta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa** / Evanildo Bechara. 37. ed. rev., ampl. E atual. Conforme o novo acordo ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. O professor pesquisador.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Guia de acentuação e pontuação em português brasileiro** / Celso Ferrarezi Junior. – São Paulo: Contexto, 2018.

LAKOMY, Ana Maria. **Teorias cognitivas da aprendizagem**. Curitiba: InterSaberes, 2014. – (Série Construção Histórica da Educação).

LEAL, Daniela & NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. **Dificuldades de aprendizagem: um olhar psicopedagógico**. Curitiba: InterSaberes, 2012. – (Série Psicopedagogia).

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa** / Rocha Lima. 49.ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2011.

TERUYA, Teresa Kasuko. Et al. **As contribuições de John Lucke no pensamento educacional contemporâneo**. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada9/ files/BDxADftT.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada9/ files/BDxADftT.pdf)

Acesso em: 05 abr. 2018.

OSTERMANN, Fernanda. & CAVALCANTI, Cláudio José de Holanda. **Teorias de aprendizagem**. Porto Alegre: Evangraf; UFRGS, 2011.

PEREIRA, Andreia Sofia Rodrigues. **A utilização da vírgula: uma questão de conhecimento linguístico ou de prosódia?**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ensino do 1º e do 2º ciclo do Ensino Básico) – Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal, Setúbal – Portugal.

PRÄSS, Alberto Ricardo. **Teorias de Aprendizagem**. ScriniaLibris.com, UFRGS, 2012.

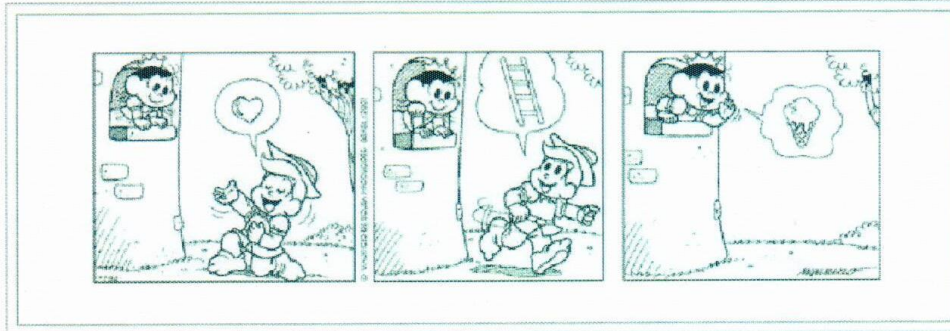
TERRA, Márcia Regina. **O desenvolvimento humano na teoria de Piaget**. Disponível em: < <https://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm> > Acesso em: 23 abr. 2018.

# **ANEXOS**

## ANEXO A – Produções antes da aula proposta

## PRODUÇÃO DE TEXTO

- 1- Faça um texto com base nas imagens abaixo, lembrando de utilizar todas as linhas:



O príncipe mentiroso?

Numa tarde de muito calor a princesa Maggi estava em seu quarto quando o príncipe chegou contando uma doce e bela canção para sua amada.

Ele disse:

- Minha querida amada já voltoarei buscar uma vestid para ti aloracão.

- Traga-me um vestido por gentileza aqui em casa por muito calor.

Disse a princesa:

Maggi esperou horas dias e até noites mas nada do príncipe chegar. E acredita o príncipe cara-de-pau voltou só depois de 2 meses.

Princesa disse:

- Já embora aqui desolado tudo aqui é mentiroso me deixei aqui sozinha.

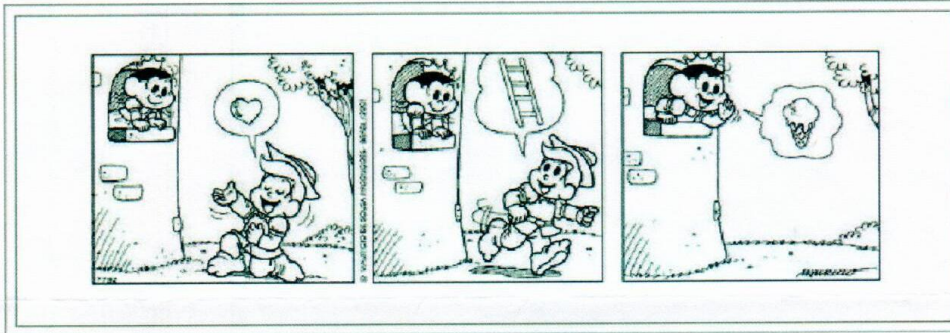
Ele respondeu: - Desculpe-me uma volta para terer fazer que lutar contra Lobo.

A princesa perdoou o príncipe eles se casaram e viveram felizes para sempre.

(Texto 1 - EF)

## PRODUÇÃO DE TEXTO

- 1- Faça um texto com base nas imagens abaixo, lembrando de utilizar todas as linhas:



### Príncipe e princesa

O príncipe estava fazendo uma declaração  
 de amor para a princesa, ele estava com  
 uma coroa, um pérfido, uma  
 declaração e mais e mais pérfido  
 para a princesa.  
 Quando ele chegou, ele trouxe  
 uma escada para subir para  
 a torre onde a princesa estava;  
 Ele disse: - Meu amor, não pegue  
 uma escada para ficar com  
 você. a princesa falou: - que você  
 vai pegar uma escada, traga uma  
 coqueiro de sorvete para mim,  
 dentro de alguns minutos, o príncipe  
 chegou lá com a escada e uma  
 mãe e a coqueiro no outro.

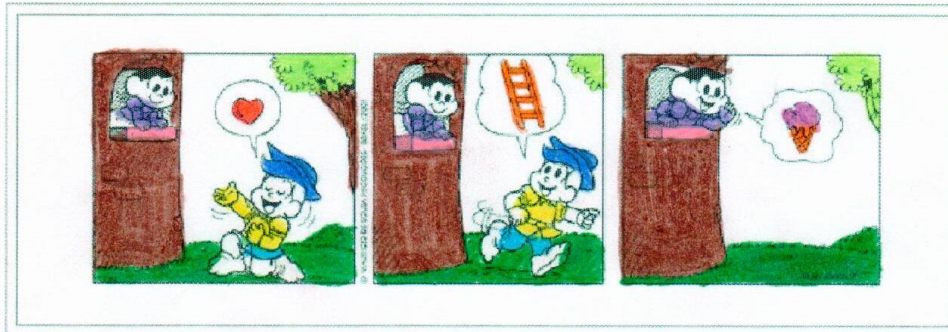
**FIM**

(Texto 2 - GM)



## PRODUÇÃO DE TEXTO

- 1- Faça um texto com base nas imagens abaixo, lembrando de utilizar todas as linhas:



### A princesa e seu príncipe

Era uma vez, dia de Domingo com três horas da tarde, havia um Príncipe encantado amando a Bela Princesa. Amargando e desolado ele viu uma vez:

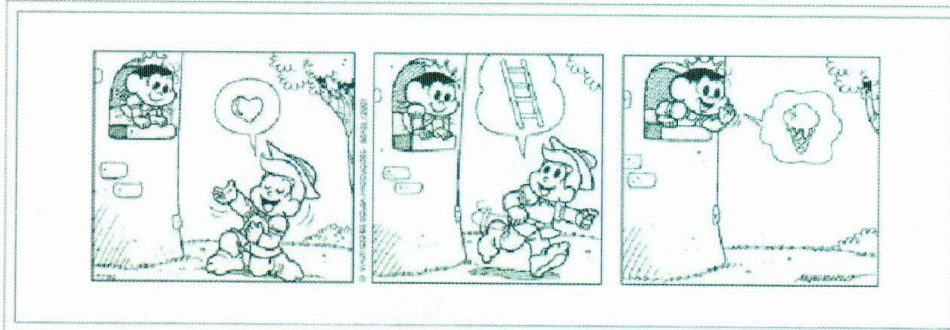
- Alguém não ajuda por favor!
- e de repente ele o príncipe encantado abriu os olhos e quando ele chegou ao local, onde saiu o som, ele viu uma Princesa e ele disse:
- eu estou aqui não tem nada e ele começa a se declarar por ela, mas depois ele pergunta como ele vai subir.
- e a princesa ficou encantada e ela disse: vai, pega uma escada e quando ele for pegar a escada, ela disse:
- e pega um sorvete para com ele, disse: Mas não, dele assim.
- eu não sou encantada!
- então a princesa ficou sem escada, príncipe e sorvete.

fim

(Texto 3 – JM)

### PRODUÇÃO DE TEXTO

- 1- Faça um texto com base nas imagens abaixo, lembrando de utilizar todas as linhas:



### O Menino Amigável

Em um belo dia, Henrique estava bem ansioso para fazer uma casa, quando recebeu uma convidinha para jogar futebol com seus amigos, chamados Wanderson, Marcos e Pedro. Chegando lá no campo, eles começaram a jogar futebol. Depois quando foi ficando tarde, cada um foi para a sua casa. No dia seguinte Henrique foi bem cedinho chamar os seus amigos Wanderson, Pedro e Marcos, para jogar. Foi, depois cada um foi para a sua casa para almoçar. À tarde, Henrique chamou os seus amigos para jogar vôlei. Depois, eles foram jogar futebol, foi que uma hora, Pedro chutou a bola tão alto que foi parar em cima de um telhado de uma casa e Henrique disse:

— Carramba!! Agora mesmo eu vou pedir a escada da Emilily, emprestada. Chegando lá Henrique, pediu a escada para pegar a bola que estava em cima do telhado, e Emilily pediu um momento para emprestar a escada e Henrique comprou a bola

e deu para Emilily, e ela emprestou a escada para ele. Depois Henrique pegou a bola, e desceu a escada para Emilily, e depois todo mundo foi para a sua casa firm.

(Texto 4 – MM)



## ANEXO B – Plano de aula

Introdução: Iniciar a aula colocando no quadro as seguintes frases:

**Vírgula:**  
um detalhe tão pequeno, mas muito importante.

Não apoio o Acordo. Não, apoio o Acordo.	João Pedro faltou à aula. João, Pedro faltou à aula.
Ninguém entende Maria. Ninguém entende, Maria.	Não queremos saber. Não, queremos saber.
Não coma gordura animal. Não coma gordura, animal.	Receberei R\$ 575,00. Receberei R\$ 57,50.

Vírgula Portuguesa - Céu

Os alunos deverão indicar onde poderá ser colocado a vírgula. Neste momento, explicar que a vírgula pode mudar o sentido da frase.

Desenvolvimento: explicar as formas de uso da vírgula.

1. Use a vírgula para separar elementos que você poderia listar. Veja esta frase:

João Maria Ricardo Pedro e Augusto foram almoçar.

Note que os nomes das pessoas poderiam ser separados em uma lista:

Foram almoçar:

- João
- Maria
- Ricardo
- Pedro
- Augusto

Isso significa que devem ser separados por vírgula na frase original:

João, Maria, Ricardo, Pedro e Augusto foram almoçar.

Note que antes de “e Augusto” não vai vírgula.

2. Use a vírgula para separar explicações que estão no meio da frase

Explicações que interrompem a frase são mudanças de pensamento e devem ser separadas por vírgula. Exemplos:

Mário, o moço que traz o pão, não veio hoje.

Dá-se uma explicação sobre quem é Mário. Se tivéssemos que classificar sintaticamente o trecho, seria um aposto.

3. Use a vírgula para separar o lugar, o tempo ou o modo que vier no início da frase. Quando um tipo específico de expressão — aquela que indica tempo, lugar, modo e outros — iniciar a frase, usa-se vírgula. Em outras palavras, separa-se o adjunto adverbial antecipado.

Exemplos:

Lá fora, o sol está de rachar!

“Lá fora” é uma expressão que indica “lugar”. Um adjunto adverbial de lugar.

Semana passada, todos vieram jantar aqui em casa.

“Semana passada” indica tempo. Adjunto adverbial de tempo.

Atividade de fixação:

## EXERCÍCIOS

1. Empregue a virgula, se necessário:

a) Casa de ferreiro espeto de pau.

R: Casa de ferreiro, espeto de pau.

b) Tal pai tal filho.

R: Tal pai, tal filho.

c) Curitiba 27 de março de 1998.

R: Curitiba, 27 de março de 1998.

d) Amigos amanhã teremos mais chuva.

R: Amigos, amanhã teremos mais chuva.

e) Aristóteles discípulo de Platão criou a lógica.

R: Aristóteles, discípulo de Platão, criou a lógica.

f) Arroz feijão carne salada de tomate tudo estava muito bom.

R: Arroz, feijão, carne, salada de tomate tudo estava muito bom.

g) Reclamações tristezas dores nas costas nada me impedirá de terminar este trabalho.

R: Reclamações, tristezas e dores nas costas nada me impedirá de terminar este trabalho.

h) E corre e vacila e tropeça e resvala e levanta-se e foge.

R: E corre, e vacila, e tropeça, e resvala, e levanta-se e foge.

i) “Nunca nunca meu amor!” (M. Assis)

R: “Nunca, nunca meu amor!” (M. Assis)

j) Não não desejo a sua desgraça.

R: Não, não desejo a sua desgraça.

k) Paulo e eu entretanto discordamos dessa atitude.

R: Paulo e eu, entretanto, discordamos dessa atitude.

Divida a turma em dois grupos, explique que eles participarão de um jogo. Escolha e diga para turma qual será o grupo A e o grupo B, entregue uma fita adesiva para cada grupo. Relate, em voz alta, que eles deverão ordenar as palavras que receberão, formando uma frase coerente e utilizando, de forma adequada, a vírgula. Em seguida, peça para que prestem atenção nas coordenadas e regras da brincadeira. Leia para todos:

- O grupo A deverá eleger 11 representantes do grupo;
- O grupo B deverá eleger 12 representantes do grupo;
- Cada grupo receberá um envelope com diversas palavras, cada uma em uma folha separada, que formarão uma frase;
- Cada equipe deverá colar (utilizando a fita adesiva) as folhas nos representantes que escolheram.
- Em seguida, organizar uma fila com os colegas (representantes) para ordenar a frase.
- O tempo para realização dessa atividade será cronometrado.

Entregue os envelopes correspondentes a cada grupo, determine o tempo da atividade. Ordene que comecem. Após o término do tempo, peça para que parem e verifiquem se a organização das frases está de acordo. Caso não esteja, organize. Explique o uso de das vírgulas em cada frase:

- De um modo geral, não gostamos de pessoas estranhas.

“De um modo geral” é sinônimo de “geralmente”, adjunto adverbial de modo, por isso vai vírgula.

- Eu e você, que somos amigos, não devemos brigar.

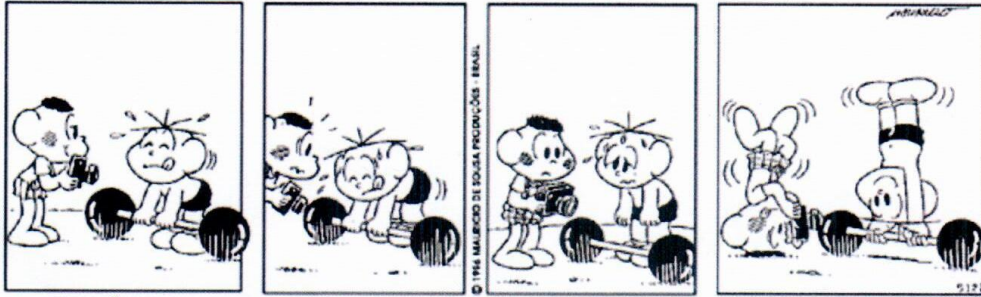
O trecho destacado explica algo sobre “Eu e você”. Portanto, deve vir entre vírgulas. A classificação do trecho seria oração adjetiva explicativa.

Conclusão:

Pedir aos alunos que produzam um texto para verificar a aprendizagem.

## ANEXO C – Produções de texto após a aula proposta

1. Observe a tirinha abaixo e escreva uma estória bem criativa!



Copyright ©1999 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5122

O peso de Celso!

Foi uma vez, um dia, bem ensolarado. Celso e Casão foram ao mercado e compraram maçãs, 2 águas com gás e 2 bananas. Eles estavam a caminho da academia.

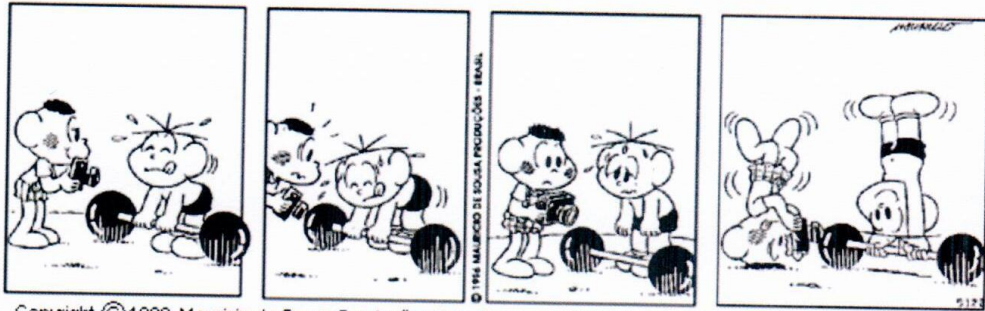
Chegando lá, Celso disse a Casão:

— Vou levantar peso - Celso fez a 1ª tentativa, 2ª tentativa, 3ª tentativa e na 4ª tentativa, Celso foi de cabeça para baixo, Casão e Celso deram muitas risadas, mas apesar de Celso não ter conseguido ficou feliz com seu esforço.

IDEIA CRIATIVA

(Texto 1 – EF)

1. Observe a tirinha abaixo e escreva uma estória bem criativa!



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5122

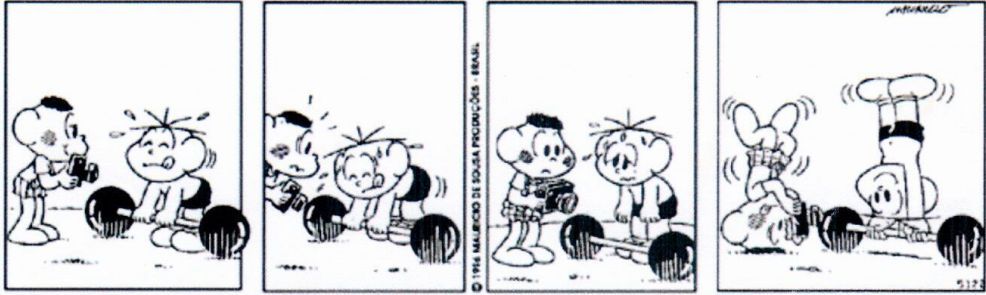
1. O malhação abdominal  
 um dia, o abelha foi pra academia mais a  
 Cássia, 12 Cássia só foi por ter o gatinho em  
 uma vida.  
 10 abelha tentou, tentou, tentou levantar  
 mais não conseguiu levantar 75kg, ele não  
 conseguiu mais o exercício.  
 Mais, surgiu uma ideia de sair de  
 casa por deixar pra girar que tinha  
 durante 50 kg para isso tudo isso pra  
 mostrar para os amigos de pra isso que  
 ele é gostoso, ele gostoso ficou isso e  
 os seus amigos acreditaram nele.

IDEIA CRIATIVA

(Texto 2 - GM)



1. Observe a tirinha abaixo e escreva uma estória bem criativa!



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5122

- Era um dia muito lindo para seu coração que via tirando foto por onde ele passava.

- E de repente o seu coração viu o cabeloinha seu melhor amigo que estava tentando levantar um peso de 10 quilo.

- Então o coração pediu para o cabeloinha tentar outra vez para o cabeloinha conseguir.

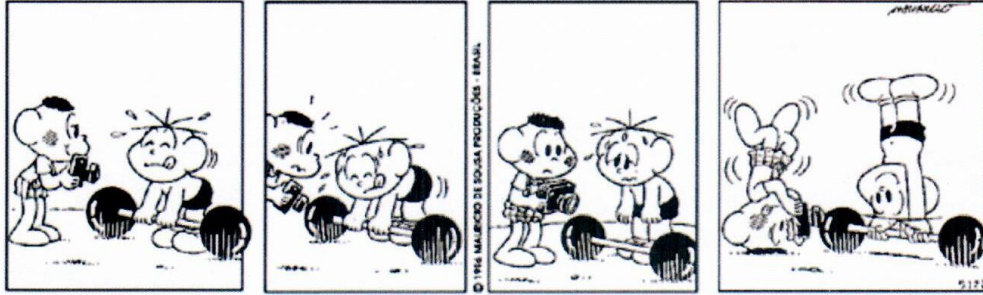
- Então o seu cabeloinha tentou e tentou e tanto mas não conseguiu.

- Então o coração disse fica assim e o cabeloinha e a foto ficou bonita.

IDEIA CRIATIVA

(Texto 3 - JM)

1. Observe a tirinha abaixo e escreva uma estória bem criativa!



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5122

Em um belo dia, Marcos resolveu sair para chamar seu amigo chamado Wenderson, para brincar de alguma coisa. Chegando lá na casa de Wenderson, Marcos disse:

— E aí Wenderson!! Bora brincar?! O Wenderson respondeu:

— Bora brincar de levantar peso!! , e eles foram levantar peso, quando o Wenderson foi levantar, não estava conseguindo levantar, o Wenderson tentou de todo jeito e não estava conseguindo levantar o peso de jeito nenhum, até que Marcos resolveu ajudar ele e o Wenderson conseguiu levantar o peso fim.

IDEIA CRIATIVA

(Texto 4 – MM)